

ZERO PATIENCE / 1993

um filme de JOHN GREYSON

Realização e argumento: John Greyson / *Direção de fotografia:* Miroslaw Baszak / *Direção artística:* Sandra Kybartas / *Decoração:* Armando Sgrignuoli / *Figurinos:* Joyce Schure / *Caracterização:* Sylvain Cournoyer (maquilhagem principal) e Reg Quindinho (cabeleireiro principal) / *Montagem:* Dennis Day, Miume Jan e Lila Pine / *Música:* Glenn Schellenberg / *Casting:* Dorothy Gardner / *Interpretação:* John Robinson (Sir Richard Francis Burton), Normand Fauteux (Zero), Dianne Heatherington (Mary), Richardo Keens-Douglas (George), Bernard Behrens (Dr. Placebo), Marla Lukofsky (African Green Monkey), Michael Callen (Miss HIV), Brenda Kamino (Dr. Cheng), Von Flores (Ray), entre outros.

Produção: Zero Patience Productions, com a participação de Téléfilm Canada e da Ontario Film Development Corporation em associação com Channel 4 Television Corporation e apoio da Cineplex Odeon Films (Canadá, Reino Unido, 1993) / *Produção:* Louise Garfield e Anna Stratton / *Produção executiva:* Alexandra Raffe / *Produção associada:* Robin Cass / *Cópia:* 35mm, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 101 minutos / *Estreia mundial:* 25 de junho de 1993, Festival Internacional de Cinema Gay e Lésbico de São Francisco / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA: Ao contrário do anunciado, a presente cópia não corresponde a um novo restauro digital, trata-se da digitalização de uma cópia de distribuição (inclui marcas de início e fim de rolo) cuja banda de som apresenta um ligeiro mas permanente ruído de fundo.

No contexto da epidemia do VIH, a história do “paciente zero” é um caso exemplar dos perigos da desinformação, do sensacionalismo e do preconceito evidentes nos *media* e na forma como estes difundem (através de filtros deformadores) o trabalho da investigação científica. A origem deste mito remonta a um artigo para a revista *The American Journal of Medicine*, em 1984, intitulado “Cluster of cases of the acquired immune deficiency syndrome”. Tratava-se de uma investigação que procurava compreender a nova doença que vinha afetando maioritariamente homens que faziam sexo com outros homens e que produzia estranhos sintomas, como aquela que era, até aí, uma doença rara: a síndrome de Kaposi. As primeiras investigações levantavam inúmeras hipóteses sobre a origem desta doença que debilitava o sistema imunitário. Alguns investigadores acreditavam que se tratava de um tipo de cancro que havia sofrido uma mutação que se havia tornado infeccioso. Outros quiseram associar os *poppers* à doença, achando que estes poderiam reduzir as defesas dos seus utilizados. Ou seja, passaram alguns anos até que se compreendesse que se tratava de uma síndrome provocada por um vírus e que este podia ser transmitido por via sexual. O referido artigo foi dos primeiros a defender essa hipótese. Para tal, os cientistas da CDC (hoje, Centers of Disease Control and Prevention) realizaram dezenas ou centenas de entrevistas a homens que haviam sido diagnosticados, mapearam as suas relações e começaram a encontrar correlações entre a prática sexual e a infecção. No artigo, a maioria dos entrevistados eram homens americanos do estado de Los Angeles, contudo um deles era de origem canadiana. Embora inicialmente lhe tenha sido atribuído o número 57 (o 57.º paciente a ser diagnosticado pela CDC), por ser estrangeiro este foi representado com a letra O de “out of state”. Além disso, por ser hospedeiro de bordo e viajar muito, ter uma vida sexual muito ativa (com mais de duzentos parceiros por ano), ter um diário onde apontava os seus encontros e por ter enorme disponibilidade para relatar o seu caso às autoridades, houve em relação a este homem um desvio (*bias*) que o colocou no centro dos diagramas que relatavam as transmissões.

Facilmente o O foi entendido como 0 e sua centralidade nos diagramas contribuiu para que se passasse a referir este paciente como o “paciente zero”. Com esse título surgiu a carga estigmatizadora. Um homem só tornou-se no bode expiatório de uma doença. Passou a ser o grande responsável pela “entrada” da doença na América do Norte e pela sua difusão. Singularizar uma pessoa, ainda para mais estrangeira, com uma vida sexual considerada “perversa” e “imoral”, como o responsável pela doença desculpabiliza a lentidão da resposta das autoridades de saúde, justificava a “culpa” da comunidade gay e bissexual pela sua própria morte e acrescentava uma dimensão de psicopatia ao caso: uma vez que se propalou a ideia de que este homem sabia que estava doente e ativamente procurou espalhar o vírus, numa forma de “vingança autodestrutiva” próxima de um *serial killer* viral. Os jornais sensacionalistas publicaram notícias sobre o “cancro gay” com títulos como “O Homem Que Nos Deu Sida”, “O Monstro Que Trouxe a Doença”, “O Homem Que Contagiou o Mundo”. E para isso muito contribuiu um livro, de um jornalista *gay*, Randy Shilts, publicado em 1987 (*And the Band Played On* – que pouco depois foi adaptado como

telefilme pela HBO) onde, contra as indicações da CDC, descobriu a identidade deste homem, tornou-a pública e usou isso como ferramenta de promoção junto da imprensa, como se se tratasse de um *scoop* jornalístico. O homem chamava-se Gaëtan Dugas e morrera em 1984, com apenas 32 anos, de complicações associadas à sida. A nomeação serviu a Shilts para demonizar práticas sexuais que este entendia como desviante e o livro descreve-o como dono de um “apetite sexual voraz”, “um sociopata movido pelo seu próprio menosprezo e pelas suas lutas internas”. O objetivo de Shilts era promover a prevenção e a prática de sexo seguro – e o seu livro contribuiu para isso, tendo tido grande divulgação e ajudado a alterar políticas públicas –, em contrapartida demonizou um homem e contribuiu para a estigmatização da comunidade gay e para a resposta reacionária à libertação sexual que havia ocorrido nos anos 1960 e 1970. (O próprio Randy Shilts morreria de complicações associadas à sida em 1994).

É neste contexto que surge **Zero Patience** (no mesmíssimo ano em que a HBO estreava a referida adaptação do livro de Shilts). Pelas razões óbvias, o nome e a identidade de Gaëtan Dugas nunca são referidos no filme, até porque – nesse momento – a perpetuação da sua identificação só confirmava o ciclo de culpabilização e estigmatização. Entretanto, ao longo da última década, vários têm sido os estudos que “ilibaram” Dugas: em 2016, na revista *Nature*, saiu um artigo onde se explicou como, através da análise genética das diferentes estirpes de vírus, se percebeu que a estirpe que Dugas carregava já circulava há vários anos nos EUA. Na verdade, o caso mais antigo identificado remonta a 1969 (algo que só se compreendeu recentemente através da análise dos restos mortais de centenas de pessoas cujos diagnósticos ambíguos podiam indicar que se tratavam dos primeiros casos da doença). A isso juntou-se um documentário, realizado em 2019 por Laurie Lynd, **Killing Patient Zero**, onde se descreve toda esta história e se procura apresentar os factos e desfazer as mitificações. Por tudo isto, **Zero Patience** foi, de facto, pioneiro no modo como – de forma muito imediata – conseguiu não só compreender e desmontar a narrativa do “paciente zero”, como foi igualmente capaz de retratar todas as contradições deste momento: da divulgação científica aos *media*, das farmacêuticas aos grupos ativistas (como a Act Up), das relações familiares às relações amorosas. Um dos aspetos surpreendentes no filme é, mais do que qualquer outra coisa, perceber como ao tentar desmontar uma simplificação perigosa, não a contrapõe com outras, pelo contrário, contrapõe a simplificação com complexidade. O exemplo acabado: no final, quando se tenta santificar Dugas (elogiando os seus contributos para a compreensão da doença) comete-se o mesmo erro que antes o demonizara. Gaëtan Dugas foi um homem que contraiu um vírus, que acabou por morrer em consequência disso e que, de forma colaborativa, partilhou toda a informação pessoal que tinha para que os médicos pudessem prevenir que outras pessoas se encontrassem na mesma situação que ele – apenas isso. Nem demónio, nem santo.

E, com tudo isto, ainda pouco disse sobre o filme. Integrado no movimento do New Queer Cinema, esta comédia musical parodia tudo e um par de botas através de soluções narrativas e formais particularmente desconcertantes. Não só a dupla de protagonistas é improvável (um cientista vitoriano com 170 anos que não envelhece e que trabalha como taxidermista num museu de história natural e o fantasma de “zero” que se passeia sem ser visto pelas ruas até que se cruza com o dito cientista – o único que é capaz de o ver – nascendo entre eles uma fugaz paixão), como a própria estrutura episódica desmonta as lógicas aristotélicas da progressão narrativa e dos arcos dramáticos. Em boa verdade, o filme inclui a sua própria chave de leitura na figura dos dioramas do museu – o que talvez seja uma forma de autoironia. John Greyson constrói cada sequência (em especial cada número musical) como uma sucessão de dioramas dispostos num longo corredor de um museu onde cada vitrine dá acesso a um mundo artificialmente reconstituído, autocontido, que no seu conjunto compõem um todo articulado, mas fragmentário. Assim, mais do que um argumento (que acaba um pouco enfraquecido), o que se destaca de **Zero Patience** é a invenção jubilatória de certas sequências (mesmo se por vezes sejam um pouco toscas). O que dizer daquele número na sauna com a coreografia dos rapazes apenas com toalhas? O que dizer da divertidíssima sequência em que o próprio VIH, numa piscina sanguínea, explica as suas desventuras à luz do microscópio? E, mais do que tudo, o que dizer daquele número musical romântico cantado pelos olhos do cu dos dois amantes? Nada há a dizer a não ser o prazer que dá vê-los. Um prazer que deixa à porta o eventual mau gosto, a eventual sensibilidade dos temas, que se borrija para a correção política e que engendra um gozo (em duplo sentido) verdadeiramente *queer* – tanto estético como ético.

Não é, certamente, um filme extraordinário. Mas e daí? É tão inteligente e divertido, é dono de uma desfaçatez e de uma ousadia tão refrescantes que, trinta anos depois, continua tão atual – e necessário – como quando foi feito. E isso já é feito bastante!

Ricardo Vieira Lisboa